

A IMPLEMENTAÇÃO DA PRÓCLISE EM CONTEXTOS SENTENÇAS COMPLETIVAS INFINITIVAS PREPOSICIONADAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Geison Luca de Sena Pereira (UFRN/ CAPES)

geison_pereira@outlook.com

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentaremos a descrição e a análise dos padrões de colocação de clíticos em sentenças completivas preposicionadas na diacronia do português brasileiro. O *corpus* em análise se constitui de cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX de diferentes regiões/estados – Rio de Janeiro, Bahia, Ceará e Pernambuco– e pertencem ao *corpus* mínimo comum do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). A análise está fundamentada em pressupostos teórico-metodológicos da teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968[2006]; LABOV, 1972[2008]) e da teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981; 1986), como as concepções de língua-I e gramática; no modelo de competição de gramáticas (KROCH, 1989; 2001), como a ideia de que a variação atestada nos dados empíricos pode ser evidências da competição de diferentes gramáticas.

Os principais objetivos que temos com este trabalho é descrever e analisar os padrões de colocação de clíticos pronominais em sentenças infinitivas retiradas de cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios escritos no Brasil durante os séculos XIX e XX, identificar, por meio de uma análise quantitativa, quais são as variáveis condicionam a colocação da próclise em sentenças completivas infinitivas preposicionadas e verificar se a colocação de clíticos nesse contexto segue a tendência proclitizadora evidenciado em outros contextos na gramática de Português brasileiro (doravante PB).

Para alcançar esses objetivos, desenvolvemos procedimentos metodológicos como a coleta de dados, a categorização/classificação dos dados e as rodadas estatísticas. Os dados de análise foram coletados de cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios pertencentes aos *corpora* mínimos comum do PHPB dos estados da Bahia, do Ceará, de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Dessa forma, consideramos toda sentença com verbos no infinitivo regido por uma preposição como dados coletáveis.

Uma vez coletados os dados da pesquisa, demos início categorização e classificação dos dados. Nessa etapa, etiquetamos os dados com códigos referentes as variáveis que controlamos. As variáveis controladas nesta pesquisa são: (i) o tipo de preposição; (ii) a posição superficial do verbo na sentença; (iii) o tipo dos pronomes clíticos; (iv) as propriedades dos clíticos pronominais; (v) o gênero textual; (vi) o período de publicação do texto (tempo); e (vii) a localidade (estado). A codificação dos dados a partir dessas variáveis viabilizou a quantificação das ocorrências de próclise, assim como, a identificação das variáveis que são mais significantes estatisticamente para que a próclise ocorra.

Organizamos este trabalho da seguinte forma: na seção 1, apresentaremos um breve resumo acerca dos pressupostos teóricos que adotamos. Na seção 2, trataremos de questões relacionadas, principalmente, as propriedades dos pronomes clíticos. Na terceira seção, apresentaremos os resultados quantitativos adquiridos após as rodadas estatísticas. E, por fim, teceremos uma breve conclusão acerca desses resultados.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Articularemos, neste trabalho, duas teorias muito distintas: a teoria da Variação e Mudança linguística (Cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 2008 [1972]) e a teoria gerativa (CHOMSKY, 1981; 1986). Fundamentamos, também, a pesquisa na proposta de competição de gramáticas (KROCH, 1989; 2001), pois acreditamos que essa proposta se caracteriza como um modelo de interface teórica entre a teoria variacionista e a teoria da gramática.

Fundamentados na teoria da Variação e Mudança linguística, compreendemos que a variação é uma característica inerente ao sistema linguístico. Considerando isso, WLH (2006 [1968]) se propuseram a desenvolver um modelo de investigação específico para o estudo da mudança linguística. Para alcançar esse objetivo, foi necessário abandonar de vez a concepção de língua como um sistema homogêneo e adotar uma proposta que unisse heterogeneidade e estruturalidade. Na teoria da Variação e Mudança, é proposto que a heterogeneidade característica da língua em uso é passível de sistematização, ou seja, a variação atestada nos dados reais de língua não é caótica. Contudo, para desenvolver um modelo capaz de investigar a língua em uso, foi necessário desenvolver o conceito de variável linguística. WLH (2006[1968], p.105)

definem variável linguística como “um elemento variável dentro de um sistema controlado por uma única regra”. Com isso, os autores postulam que a variação linguística atestada dentro de uma comunidade de fala não é apenas evidência da existência de diversos sistemas coexistindo dentro da comunidade linguística, ou seja, a variação ocorre também entre elementos de um sistema controlado por uma única regra.

A concepção de que o sistema linguístico é heterogêneo e o conceito de variável linguística são muito importantes para este trabalho, visto que tratamos da descrição e análise de um fenômeno variável dentro da língua, ou seja, a colocação de clíticos em sentenças completivas infinitivas ocorre de forma variável no português. A partir da investigação dos padrões de colocação de clíticos poderemos desenvolver uma explicação de como e porque a ordenação do pronome átono ocorre nesse contexto.

Da teoria gerativa, os conceitos que são mais importantes para este trabalho são os conceitos de língua -I e língua-E e a concepção de gramática. A língua-I é o conhecimento linguístico que cada indivíduo tem de uma língua. Esse conhecimento é depositado hereditariamente na mente/cérebro de cada indivíduo e passa de um estágio L_0 , em que o indivíduo apenas possui princípios universais e parâmetros não marcados, para um estágio L_1 , em que os parâmetros de uma língua particular foram marcados. Segundo Chomsky (1986 [1994], p.41), “a língua-I é, pois, um elemento que existe na mente da pessoa que conhece a língua, adquirido por quem aprende e usado pelo falante-ouvinte”. Já o conceito de língua-E se refere aos dados reais de língua, ou seja, língua-E é um produto exteriorizado do conhecimento linguístico que um indivíduo tem de uma língua. Diante disso, concebemos gramática como uma teoria acerca do conhecimento linguístico que um indivíduo tem de uma língua. A Gramática Universal (GU), por exemplo, também é uma teoria sobre o conhecimento linguístico do indivíduo, porém a GU é uma teoria do conhecimento linguístico inicial do indivíduo. Nesse estágio, a faculdade da linguagem é composta por Princípios universais e Parâmetros que serão marcados na mente/cérebro do indivíduo no processo de aquisição da linguagem.

Esses pressupostos são importantes para este trabalho, pois entendemos que os padrões de colocação de clíticos evidenciados nos dados podem refletir a existência de diferentes gramáticas em competição. Adotamos, também, a partir desses pressupostos, a concepção de que a mudança sintática ocorre de forma brupta na mente/cérebro dos indivíduos durante o período de aquisição da linguagem.

2. AS PROPRIEDADES DOS PRONOMES CLÍTICOS

Os pronomes clíticos podem ser classificados de acordo com suas propriedades. Utilizaremos, neste trabalho, a classificação adotada por Mateus *et al* (2003) que definem cinco tipos de clíticos com propriedades diferentes: (i) *clíticos com conteúdo argumental*; (ii) *clítico argumental proposicional ou predicativo*; (iii) *clíticos quase-argumentais*; (iv) *clíticos com comportamento de afixo derivacional* e (v) *clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático*.

Os clíticos com conteúdo argumental são aqueles que ocorrem associado a uma posição de argumento. De acordo com Mateus *et al* (2003), esse tipo de clítico especial pode ser subdividido basicamente em dois grupos: os clíticos argumentais de referência definida: *pronominais e anáforas*; e clíticos argumentais de referência arbitrária: *se-nominativo*. Os clíticos pronominais de referência definida podem ser divididos em pronominais não reflexivos e anafóricos reflexivos e recíprocos. Esses tipos de pronomes argumentais de referência definida admitem construções de redobro de clítico¹ e extração simultânea².

Já o clítico de referência arbitrária, ou *se-nominativo*, ao contrário dos clíticos referência definida, é associado à posição de argumento externo. Com isso, o sujeito da oração é assinalado pelo pronome clítico. Nesse caso, a oração é designada como uma oração com sujeito impessoal ou indeterminado (nomenclatura adotada na gramática tradicional). Outra característica desse *se-nominativo* é a não possibilidade de o clítico aceitar uma construção com redobro de clítico, visto que, em sentenças com esse tipo de clítico, o sujeito é interpretado como indefinido, logo as construção com redobro não são possíveis. Contudo, a extração simultânea torna-se possível devido ao caráter referencial desse pronome.

Outro tipo de clítico especial é o *clítico argumental proposicional ou*

¹ As construções com redobro de clítico são aqueles em que é inserido um material lexical com o mesmo valor semântico que o clítico, como podemos ver em:

- a) Os carros cruzaram-se um com o outro na pista.
- b) Helena falou-lhes a eles que não podiam ficar em casa.

² As construções de extração simultânea ocorrem quando, em duas frases coordenadas, “uma única instancia de clítico recupero os argumentos a que está associado em cada um dos termos coordenados” (Mateus *et al*, 2003, p.835)

- c) Maria tinha-o visto [-] e reconhecido [-] na praia .

predicativo, ou melhor, o pronome pessoal átono invariável *o*. Esse clítico ocorre com verbos que selecionam sentenças como objeto direto. A função do clítico, nesse caso, é retomar a oração anterior. Isso justifica o caráter argumental proposicional expresso em sua nomenclatura. Já o caráter predicativo é justificado pelo fato de, ao surgir em uma sentença com um verbo copulativo, ele assumir o papel de núcleo ou de predicativo. Esse clítico, tanto proposicional quanto predicativo, não aceita construções com redobro devido a seu caráter demonstrativo, mas permite a extração simultânea por causa de seu conteúdo substantivo.

Os *clíticos quase-argumentais* são subdivididos em clítico com estatuto argumental (*se* passivo) e clíticos referenciais não associados à grade argumental do verbo (dativo ético e de posse). O clítico com estatuto argumental é o *se* encontrado nas sentenças passivas. Esse clítico tem como referente o agente da passiva e, assim como o *se nominativo*, não aceita construções com redobro de clítico, mas aceita as construções com extração simultânea. Outra característica do *se* passivo está no fato de esse clítico bloquear a atribuição de papel temático ao argumento externo e de caso acusativo ao argumento interno.

No que se refere aos clíticos referenciais não associados à grade argumental do verbo, devemos considerar os casos dos dativos éticos e dos dativos de posse. Esses são diferentes dos dativos éticos pelo fato de poder ser associado a uma posição argumental ou de adjunção, permitindo, assim, construções com redobro de clítico. Já o dativo ético, segundo Mateus *et al* (2003, p.840), “designa uma entidade que pode ser considerada como um beneficiário” e não permitem construções com redobro de clítico e com extração simultânea.

No que se refere ao *clítico com comportamento de afixo derivacional (clítico ergativo/anti-causativo)*, podemos dizer que a principal característica desse clítico é inibir a presença do argumento externo do verbo ao qual ele se associa. Segundo Mateus *et al.*, “a sua função é fundamentalmente a de destransitivizar o verbo principal a que se associa, comportando-se deste modo como um sufixo derivacional destransitivizador” (MATEUS *et al.*, 2003, p.841). Este tipo de clítico aceita construções com redobro de clítico e de extração simultânea, porém nos casos de redobro o clítico redobrado não ocupa uma posição de argumento, mas de adjunto.

Por fim, os *clíticos sem conteúdo semântico ou morfo-sintático (clítico inerente)*

são aqueles que não são associados a qualquer posição de argumento ou de adjunto e nem podem ser considerados como um pronome deansitivador, como os clítics ergativos. Este tipo de clítico não aceita construções com redobro de clítico, porém aceita construções com extração simultânea quando “o clítico tem por hospedeiro um verbo exterior à estrutura coordenada” (MATEUS *et al*, 2003, p.844).

5.RESULTADOS

Em nossa amostra, totalizamos 342 dados divididos em 6 contextos específicos de acordo com o tipo de preposição que antecede o verbo no infinitivo. Ao submetermos os dados da amostra ao trato estatístico no programa *Goldvarb 2001*(ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001), foram selecionadas 4 variáveis com valores estatísticos relevantes: (i) o tipo de preposição que antecede o verbo no infinitivo; (ii) a localidade de publicação dos textos jornalísticos; (iii) o período de publicação dos textos; (iv) e a propriedade dos pronomes clítics. Na tabela 1 abaixo, mostraremos os resultados referentes à colocação de clítico nas sentenças completivas infinitivas considerando o tipo de preposição que antecede o verbo:

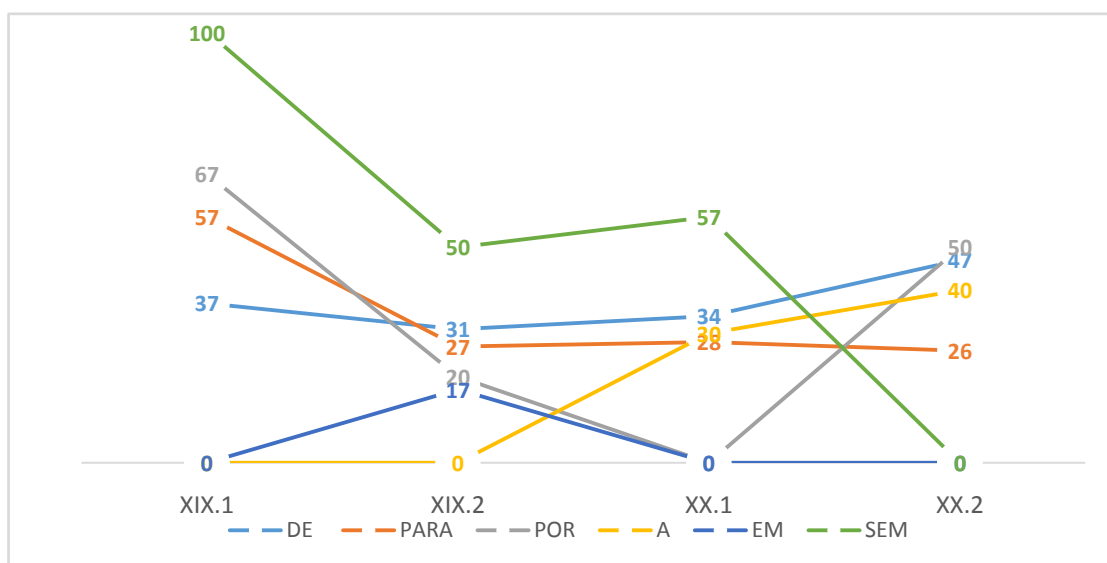
Tabela 1 – A próclise em sentenças infinitivas preposicionadas por tipo de preposição.

Preposições	Quant.	%	P.R
SEM	10/16	62	0,77
POR	6/14	42	0,61
DE	51/146	34	0,52
PARA	39/113	34	0,52
A	8/42	19	0,32
EM	1/11	9	0,17
Total	115/342	33	-

A tabela 1 mostra que a colocação de clítics em sentenças infinitivas completivas preposicionadas por tipo de preposição é variável e apresenta contextos específicos que favorecem a próclise como é o caso das sentenças com verbos precedidos pela preposição *sem*, *por*, *de* e *para*. Os percentuais de ocorrência de próclise nesses contextos específicos são de 62%, 42%, 34% e 34% respectivamente.

Apesar de possuírem percentuais relativamente baixos, o que torna esses contextos favorecedores da próclise são os altos pesos relativos associados a essas preposições. Como podemos ver as preposições *sem*, *por*, *de* e *para* possuem pesos relativos de 0,77, 0,61, 0,52 e 0,52 respectivamente. Ao cruzarmos os resultados referentes à colocação de clíticos por tipo de preposição com o fator tempo ficam mais interessante, como podemos ver no gráfico 1 a seguir:

Gráfico 1 - A próclise em sentenças infinitivas preposicionadas por tipo de preposição durante os séculos XIX e XX.



De um modo geral, os resultados expressos no gráfico 1 apontam para uma redução significativa nas taxas de ocorrência de próclise. A redução mais significativa ocorre com as sentenças com verbos precedidos pela preposição *sem*, visto que, como vimos na tabela 1, esse é o contexto que mais condiciona a próclise na amostra. Outro resultado importante a ser destacado é o aumento das taxas de próclise nas sentenças com verbos precedidos por preposição *a*, pois as ocorrências de próclise nesse contexto durante os séculos XIX é de 0%, passando a 40% no final do século XX. Essa evolução da próclise em sentenças com verbos precedidos por essa preposição poderia ser considerada como um padrão de colocação característico de PB.

Outro resultado importante a ser destacado refere-se a colocação de clíticos em sentenças completivas preposicionadas por região (estados). Esses resultados estão expressos na tabela 2 abaixo:

Tabela 2 – A próclise em sentenças infinitivas preposicionadas por estado

Região	Quant.	%	P.R
RIO DE JANEIRO	30/67	44	0,65
CEARÁ	34/91	37	0,56
PERNAMBUCO	25/81	30	0,46
BAHIA	26/103	25	0,38
TOTAL	115/342	33	-

Na tabela 2, vemos que o estado que possui maior percentual de ocorrência de próclise na amostra é o Rio de Janeiro com 44%. Contudo, essa taxa de ocorrência de próclise ainda é muito baixa para se dizer que a próclise é o padrão de colocação no contexto das sentenças completivas infinitivas preposicionadas. Esse resultado mostra que a ênclise ainda é o padrão dominante nesses contextos nas cartas de leitores, cartas de redatores e anúncios dos séculos XIX e XX. Por outro lado, considerando o peso relativo alcançado nos dados do RJ vemos que esse índice mostra que a probabilidade de ocorrência de próclise em dados do RJ é muito grande. O peso relativo de 0,65, referente aos dados do RJ, em comparação com o peso relativo dos demais estados que compõe o *corpus* desta pesquisa, mostra que a probabilidade de ocorrência de próclise é muito maior nos dados do RJ.

Outra variável selecionada como estatisticamente significativa para a colocação de clíticos no contexto que estamos analisando neste trabalho é a propriedade dos clíticos pronominais. Os resultados referentes a essa variável estão expostos na tabela 3 a seguir:

Tabela 3 – A próclise em sentenças infinitivas com verbos precedidos por preposição de acordo com as propriedades dos clíticos

Propriedade	Quant.	%	P.R.
Clítico referencial não associado à grade argumental do verbo	4/6	66	0,86
Clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático	24/51	47	0,70
Clítico com comportamento de afixo derivacional	17/41	41	0,51
Clíticos argumentais de referência definida	1/5	20	0,44
Clítico argumental proporcional/predicativo	1/5	20	0,38

Como podemos ver na tabela, os tipos de clíticos que mais condicionam a próclise em sentenças completivas infinitivas preposicionadas são o clítico referencial não associado à grade argumental do verbo (os dativos ético e de posse) e o clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático (clítico inerente). Esses dois tipos de clíticos alcançam percentuais de 66% e 47% de próclise associados a pesos relativos de 0,86 e 0,70, ou seja, esses dois contextos possuem percentuais significativos que indicam uma forte variação clV/Vcl e uma grande probabilidade de ocorrência de próclise expressa pelos pesos relativos elevados. Por outro lado, clíticos como os argumentais de referência definida e de referência arbitrária possuem percentuais baixos de 20% e pesos relativos de 0,44 e 0,38, mostrando que com esses tipos de clíticos a ênclise é preferencial.

A quarta variável selecionada pelo programa estatístico *Goldvarb 2001* como estatisticamente importante para a colocação dos pronomes clíticos em sentenças completivas infinitivas preposicionadas foi o tempo. Como podemos ver na tabela 4 abaixo, as taxas de próclise tendem a diminuir significativamente durante a segunda metade do século XIX, não havendo elevações ou diminuições significativas nos períodos subsequentes:

Tabela 4 - A colocação de clíticos em sentenças infinitivas com verbos precedidos por preposição durante os séculos XIX e XX.

Períodos	Quant.	%	P.R
XIX.1	37/83	44%	0,62
XIX.2	35/131	26%	0,40
XX.1	26/79	32%	0,55
XX.2	17/49	34%	0,49

Vale ressaltar que ao olharmos para o peso relativo de cada período não evidenciamos uma tendência de queda progressiva. Os pesos relativos correspondentes aos períodos analisados somente reforçam a ideia que nos contextos das sentenças completivas infinitivas preposicionadas há uma forte variação clV/Vcl, pois a oscilação atestado nesse índice não mostra nem um declínio e nem um progresso do uso da próclise nesse contexto.

CONCLUSÃO

Concluimos que os resultados obtidos neste trabalho não apontam para um uso da próclise em larga escala, ou melhor, não encontramos, nesta pesquisa, resultados que evidenciassem um padrão proclítico dominante. O resultado geral da colocação de próclise mostra que dos 342 dados analisados apenas 33% são referentes à ocorrência de próclise em sentenças infinitivas com verbos precedidos por preposição. No entanto, ao refinarmos nossa análise dos dados, vimos que a elevada taxa de frequência de ênclise não refletia um padrão dominante na colocação dos pronomes clíticos. Vimos, também, que o contexto que mais favorece a ocorrência de próclise é o contexto das sentenças completivas infinitivas com verbos precedidos por preposição *sem*. Nesse caso, a próclise alcançou um percentual de 62% de próclise aliado a um peso relativo equivalente a 0,77. No entanto, esse contexto mostra uma queda significativa nas ocorrências de próclise quando cruzamos as variáveis tipo de preposição e período. Essa tendência de diminuição do uso de próclise pode ser vista, também, nos contextos das sentenças com verbos precedidos pelas preposições *a* e *por*.

Diante disso acreditamos que os resultados expostos nesse capítulo suscitaram boas discussões acerca da colocação de clítico em sentenças completivas infinitivas preposicionadas. Apesar de não mostrarmos um padrão proclítico dominante nos resultados gerais, o que seria uma evidencia clara da implementação da próclise no contexto das infinitivas preposicionadas, mostramos resultados mais específicos que evidencia um contexto de forte variação clV/Vcl em que a próclise, em determinados contextos, alcança resultados significativos que nos apontam para o fato de que, ao contrário de outros contextos como o contexto V1 e o contexto SV, em que a próclise já foi extensamente propagada na comunidade linguística, o contexto das infinitivas preposicionadas pode estar em um período inicial da propagação da próclise para a comunidade de fala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, H. *Abductive and deductive change*. Linguistic Society of American, 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/412063>.

CARNEIRO, Z. *Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico*. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, 2005.

- CHOMSKY, N. *Knowledge of Language: Its Nature, Origins, and Use*. Praeger, 1986.
- CYRINO, S. M. L. Mudança sintática. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). *História do português brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo a Mário de Andrade – 1924 a 1944*. – Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- _____. S. M. L. Mudança sintática e português brasileiro. In: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth; CYRINO, Sonia Maria Lazzarini (Org.). *Descrição, história e aquisição do Português Brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007.
- GALVEZ, C. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. In: CASTILHO, A; TORRE MORAIS, M.A; LOPES, R; CYRINO, S (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes, 2007.
- _____. Agreement, predication and pronouns in the history of Portuguese. In: COSTA, J. *Portuguese Syntax: New comparative studies*. New York: Oxford University press, 2000.
- KROCH, A. 1989. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, (1):199-244.
- _____. 2001. Syntactic Change. In: Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts, USA: Blackwell, pp. 699-729.
- _____. 2003. *Mudança sintática*. «<http://www.ling.upenn.edu/kroch>». Traduzido por Sílvia Cavalcante.
- LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008
- LIGHTFOOT, D. *The development of language: Acquisition, change, and evolution*. Malden, MA: Blackwell, 1999.
- _____. Grammatical Approaches to Syntactic Change. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. USA: Blackwell, 2003.
- LUCCHESI, D. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MAGRO, C. *Introdutores de orações infinitivas: o que diz a sintaxe dos clíticos*. Associação Portuguesa de Linguística, 2005. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/files/catarina_magro/trabalho_ID.pdf
- MATEUS, M.H.M; BRITO, A.M; DUARTE, I; FARIA, I.H. *gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- MARTINS, A.M. *Clíticos na história do português*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.
- _____. Posição dos pronomes clíticos pessoais. In: RAPOSO, E; BACELAR, M.F; MOTA, M.A; SEGURA, L; MENDES, A (Org). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- MARTINS, M.A. *Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

_____. *A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do Português*. Natal: EDUFRN, 2012.

MARTINS, M. A.; COELHO, I. L.; CAVALCANTE, S. R. de O. Interfaces entre a teoria da variação e mudança e a teoria da gramática (no prelo).

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600*. Campinas, SP. Unicamp, 2004.

PAGOTTO, E. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação 1992. (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992

POLLOCK, J. *Verv Movement, Universal Grammar, and the Structure IP*. The MIT press, 1989. Disponível em: <http://babel.ucsc.edu/~hank/pollock.pdf>

ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. (2001). *GoldVarb: a multivariate analysis application for Windows*. Department of Language and Linguistic Science, University of York. <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/>.

SHEI, A. *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

TARALLO, F. L. *A pesquisa sociolinguística*. – 8.ed. – São Paulo: Ática, 2007. 96p. – (Princípios; 9).

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968.

_____. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. [tradução de Marcos Bagno] São Paulo: Parábola, 2006.

